

VI Fórum Social Mundial



Boletim do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal no RS – Nº 223 – De 10 a 24 de novembro de 2005

Um outro mundo é necessário. Com você, ele é possível

*mi sueño es andar por la tierra
en la mas completa libertad
camiñar por la ciudad,
por el campo y por la sierra.
mi vierso nunca se encerra
ante la voz de autoridad
pero hablar siempre la verdad
es el legado a dechar
a los hijos de mi pueblo, mi cantar,
en la paz y en la guerra.*

*si mi pacto yo romper
por lo imposto de otra jente
dejo aca el protesto veemente
caso vienga a acontecer
eres tu el gran preyudicaco
pues pra ti es mi cantar
no lo dejem proseguir*

*soy un pajaro,
soy un grito
soy un eco en el infinito
soy la esperanza de la mañana
y no me dejem solito
canten la vida convicto
juntos , hermonos y hermanas*

*com mui fuerza y libertad,
con corajem y ombridad
un cantar teso y valiente
venga a cantar com la jente
defendiendo nuestro lecho
puede ser que dese echo
el Gran Padre vienga a escutar.*

José Itamar Nunes

O Fórum Social Mundial foi criado para ser um contraponto ao Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça, sob a consigna “um outro mundo é possível”. Esse evento se caracteriza por ser um encontro mundial de organizações civis populares de forma independente em relação aos estados nacionais e mesmo a partidos e governos.

O FSM é multidisciplinar, com centenas de atividades e milhares de pessoas de todo o mundo que se cruzam em palestras, painéis, depoimentos, reuniões, etc. Os temas são os mais variados. O FSM de Caracas se diferenciou das outras edições pelo caráter extremamente positivo na mobilização dos movimentos pela resistência ao imperialismo. Em 2006, são três encontros mundiais; um em Caracas (Venezuela), outro em Bamako (Mali, na África) e Karachi (Paquistão). Em Caracas, participaram 19 mil delegados, 53 mil participantes individuais, 4,9 mil jornalistas, 3 mil voluntários. Foi um total de 80 mil pessoas distribuí-

das por 2 mil atividades. O Brasil realizou cerca de 450 eventos. Em 2007, o FSM vai se realizar em Nairóbi, no Quênia, África.

O Sintrajufe participou de todas as edições do FSM, à exceção da realizada na Índia, em 2004. Ainda assim, naquele ano, o sindicato participou do evento paralelo realizado em Porto Alegre. No VI FSM, em Caracas, a entidade enviou dois representantes: os diretores Magda Nunes Ávila e José Itamar Nunes. Sem pretensões de grande obra, Itamar e Magda produziram este relato, com fotos e opiniões colhidas entre os participantes do Fórum e também junto à população de Caracas.



Você conhece a Venezuela?



A República Bolivariana de Venezuela é um país federal sul-americano, limitado ao norte pelo Mar das Caraíbas, a leste pelo Oceano Atlântico e pela Guiana, ao sul pelo Brasil e ao oeste pela Colômbia. A extensão territorial é de uma superfície continental e insular de 916.445 km² e marítima de 860.000 km². Sua capital é a cidade de Caracas. Além da porção continental, o país inclui também um número elevado de ilhas nas Pequenas Antilhas que constituem duas divisões administrativas diferentes: o estado de Nova Esparta e as Dependências Federais. Tem fronteira marítima com os territórios autônomos neerlandeses de Aruba, e das Antilhas Holandesas, e ainda com Trinidad e Tobago. A Venezuela é membro do Pacto Andino e, em 9 de dezembro de 2005, protocolou seu pedido de adesão ao Mercosul. Sua população é de aproximadamente 30 milhões de pessoas. A língua nacional e oficial é o espanhol, mas existem também numerosas línguas indígenas e as línguas introduzidas pelos imigrantes. 96% da população identifica-se como católica. Outras igrejas, em especial, a protestante, compõem o restante.

ser reeleito apenas uma vez. Ele é simultaneamente chefe de Estado e chefe de governo. No meio o vice-presidente da República e os ministros.

O Poder Legislativo reside na Assembleia Nacional, parlamento unicameral composto por 165 membros, 3 dos quais representantes dos povos indígenas. São eleitos para um período de cinco anos, podendo ser reeleitos para mais dois mandatos.

O Supremo Tribunal de Justiça, órgão máximo do Poder Judicial, é constituído por 12 membros eleitos pelo parlamento para um mandato único de 12 anos. Cada estado possui um governador (eleito para um período de quatro anos) e um Conselho Legislativo; o Distrito Capital tem um governador nomeado pelo presidente da República. O *alcalde* (prefeito, presidente da Câmara Municipal) é a principal figura do poder municipal, sendo eleito também para um mandato de quatro anos. A Venezuela encontra-se dividida em 23 estados, um Distrito Capital (Caracas e a sua área metropolitana) e Dependências Federais.

A economia da Venezuela passou, depois da Primeira Guerra Mundial, de uma economia essencialmente agrícola para uma economia centrada na produção e exportação de petróleo. É esta a atividade que continua a dominar, sendo responsável por cerca de um terço do PIB, por cerca de 80% das receitas de exportação e por mais de metade do financiamento da administração pública. Os responsáveis venezuelanos estimam que o PIB cresceu 2,7% em 2001. Uma forte subida nos preços internacionais de petróleo alimentou a economia depois da grave recessão de 1999. A Venezuela participa também da Opep. O presidente Hugo Chávez começou em 2003 a canalizar os proventos do petróleo obtidos pela companhia estatal PDVSA para financiar programas sociais.

A Revolução Bolivariana levou 17 anos para ser construída e organizada pelo povo e suas lideranças. Destacam-se projetos de desenvolvimento interno, como o fim do analfabetismo, o banco de crédito agrário (fundado no dia anterior ao Fórum), as missões (equipes de assistência social e médica) que acompanham a população pobre no seu local de moradia.

Hoje a Venezuela tem propostas bem definidas para o desenvolvimento da América do Sul. Uma delas é o gasoduto que passaria por Argentina, Paraguai, Brasil, Bolívia, Colômbia e Venezuela. Aproveitando a tecnologia de ponta da Argentina na distribuição e na canalização do gás natural, esse megaprojeto daria independência na importação de produtos derivados de petróleo.





Conjuntura internacional

Vivemos tempos bicudos. Até aqui, o momento mais rico e complexo da atual geração juvenil. Temos uma superpotência bélica e agressiva, débil economicamente, mas ainda muito forte na influência militar, cultural e diplomática. Os EUA vivem hoje quase que somente da produção e da venda de armas cada vez mais letais. E armas só são negócio se forem usadas, caso contrário dão prejuízo, por se tornarem obsoletas.

Os países periféricos resistem como podem e estão aprendendo que sozinhos não conseguiram se libertar do jugo imperialista. A exploração do império norte-americano sobre os demais países, e em especial os do Terceiro Mundo, está levando a uma degradação da humanidade e destruição do planeta devido ao desequilíbrio ecológico. A questão é de sobrevivência da espécie humana. É urgente e inadiável uma nova orientação política, que preserve a natureza e a raça humana, contra o imperialismo, que é a fase mais destrutiva do regime capitalista.

Os povos de todo o mundo só têm uma saída: romper com os grilhões poderosos das regras neoliberais nas relações políticas de poder totalitário e imperial dos EUA sobre o resto do mundo. Os imperialistas são poderosos, fortes, mas não invencíveis. Somente a unidade dos povos explorados, a unidade dos estados nacionais, poderá vencer essa verdadeira guerra pela sobrevivência do ser humano e do planeta.

A América Latina vive um grande momento na resistência ao Império. Junto com os povos do Caribe, foi vítima, nas últimas quatro décadas, de grandes ofensivas contra seus direitos, sua identidade e sua existência, como as ditaduras militares e os governos neoliberais que se estenderam por todo o continente. As ditaduras militares, apoiadas pelos grandes monopólios privados nacionais e internacionais, buscaram destruir os movimentos populares, a esquerda e qualquer vestígio de conquista democrática. O neoliberalismo, baseado nos efeitos destrutivos das ditaduras militares, estendeu as relações mercantis a todos os espaços sociais, econômicos, culturais e políticos do continente, submetendo tudo à voracidade do grande capital. Augusto Pinochet, Vitor Paz Estensoro, Sanches de Losada, Alfredo Stroessner, Carlos Menem, Carlos Salinas de Gortari, Fernando Henrique Cardoso, Alberto Fujimori, Carlos André Perez foram os principais protagonistas. No entanto, o povo latino-americano, desde a rebelião de Chiapas, em 1994, com marchas do MST, mobilizações indígenas e camponesas do Equador, na Bolívia, piqueteiros na Argentina, seis edições do FSM e tantas outras expressões de luta, está superando essas ofensivas. O exemplo mais recente de derrubada desses protagonistas do neoliberalismo é a eleição de Evo Morales.

Vislumbram-se chance de vitórias da esquerda nas eleições do Peru e do México, acentuando o isolamento da política de Bush no continente. O povo latino-americano e caribenho reconquista um espaço de luta e desenha um futuro com sua identidade e seus interesses contra o capital especulativo.

O Brasil contribui concretamente para essa situação com a obstrução da Alca, a contribuição ao fortalecimento e à expansão do Mercosul e a constituição do Grupo dos 20, entre outras iniciativas. Os rumos da política brasileira hoje é fundamental na decisão de se colocar ou não ao lado do povo latino-americano.

O discurso de Chávez

27 de janeiro, 20h. Chega o momento mais esperado do FSM: o presidente Hugo Chávez falando para cerca de 10 mil pessoas no Ginásio do Poliedro.

Um ato-show com músicas de luta e palavras de ordem incitavam o público. Uma grande mesa composta de representações de toda a América deu início à Assembleia Mundial dos Movimentos Sociais.

Em um discurso que durou duas horas, Chávez saudou o público e citou as organizações que compunham o Fórum Social das Américas, entre elas MST, Marcha Mundial das Mulheres, CUT e Grito dos Excluídos.

Ele falou um pouco da história da Venezuela e dos muitos movimentos desde 1806 com Francisco Miranda (executado pelo Exército espanhol), Simon Bolívar em 1926, que deu continuidade à luta de Miranda pela união e pela independência das Américas. Cuba foi citada como o símbolo de resistência e propulsora da retomada da unidade. Para Chávez, o século XXI tem como cenário um grande ataque do “imperialismo genocida, assassino, cínico e imoral”. A América Latina e os países caribenhos, mesmo não tendo um enfrentamento bélico como o do Iraque e do Afeganistão, sofrem com os embargos econômicos e tecnológicos impostos pelos EUA.

Chávez lembrou que o FSM nasceu contra Davos, a Alca e o imperialismo norte-americano.

“Passados cinco anos da primeira edição, podemos fazer um balanço de que a América Latina desenha a fórmula estratégica de unidade dos que lutam pela justiça e pela dignidade articulando a resistência para uma democracia protagônica”. Para ele, o FSM é vital para o futuro do mundo. “Socialismo ou morte. Não temos tempo para vacilar”. Ele lembrou que, quando disseram que o socialismo estava morto, Fidel respondeu: “Os mortos que vós matastes gozam de boa saúde”.

“Chegará o dia em que os governos da América Latina não aceitarão mais a imposição imperialista e o boicote a Cuba”. O presidente venezuelano encerrou seu discurso ovacionado pela multidão. Realmente, foi o grande momento desta edição do Fórum Mundial das Américas de 2006. A Telesul transmitiu o evento ao vivo para todo o mundo.



Alerta, alerta, alerta que camina: la espada de Bolívar por la América Latina

Conclusões e comentários

Sáimos da Venezuela convencidos de que o governo bolivariano, por sua ação e pela conjuntura em que se insere, desempenha papel protagonista na luta antiimperialista e pela integração dos povos latino americanos. Ao escutar o povo nas ruas, em bares, metrô, ônibus e outros lugares comuns à população mais simples, nos deparamos com algumas conclusões surpreendentes:

a) A discussão política está no dia-a-dia do povo venezuelano. Todos discutem a situação do país. Não vimos, de forma significativa, pessoas neutras em relação ao processo político. Ou encontramos pessoas que adoram Chávez, se colocam à disposição para contribuir na construção do projeto bolivariano, ou que o odeiam e tudo o que ele representa. A esmagadora maioria das pessoas que contatamos é chavista. Está instalada a luta de classes.

b) O povo chavista avalia que ele será reeleito com grande margem. As divergências se dão sobre a meta dele de angariar 10 milhões de votos. Os que são contra dizem que muito dificilmente ele conseguirá essa votação porque lá o voto é facultativo e na última eleição (para o parlamento) só votaram 25% do eleitorado cadastrado.

c) Os eleitores são cadastrados previamente a cada eleição. Avalia-se que Chávez ganhará a eleição e que os EUA irão intervir militarmente na Venezuela, como fizeram no Afeganistão e no Iraque.

d) Detalhe: muitos têm armas particulares. Vimos, principal-

mente entre seguranças de lojas, hotéis, etc., grande quantidade de escopetas. Não há cadastro nacional de armas. A Constituição bolivariana (art. 324) afirma que só o Estado pode possuir armas de guerra. O Estado entende que escopetas não são armas de guerra e sim de proteção pessoal.

e) Vemos na cidade Caraquenha um grande contraste social. Prédios suntuosos e muitas vezes inacabados, ao lado de residências pobres penduradas nas grandes montanhas que contornam a cidade. O serviço de metrô é eficaz e moderno, mas as frota de ônibus e táxis extremamente precárias e arcaicas. Existem muitos pedintes, mas em nenhum momento avistou-se um estado total de mendicância.

f) A imprensa é extremamente parcial, pró ou contra Chávez.



Organização do FSM

O comitê venezuelano do FSM não mediu esforços para a recepção das centenas de delegações que chegavam a Caracas. Ônibus foram colocados à disposição dos participantes já na chegada ao aeroporto de Maquetia, a cinco horas de viagem de Caracas, devido à interdição de um viaduto às vésperas do evento. Pessoas identificadas do Fórum orientavam todos os serviços: troca de moeda, local para o traslado, transporte de bagagem e alertando quem estava autorizado a prestar esses serviços.

Houve problemas para a inscrição das centenas de delegações que queriam colocar suas entidades como participantes do evento. As atividades tinham alteração de hora e local, dificultando a participação dos delegados. Mas a disposição e o empenho das pessoas que ali estavam fez com que esses problemas fossem superados, pois por todo lado sentia-se o clima do Fórum: debates, mostras de artes de vários países, jornais nos mais diversos idiomas e o próprio povo de Caracas já eram o enunciado de um grande evento de troca de culturas e experiências.

Bate-papo com a categoria

No dia 14/2, o Sintrajufe realizou a atividade *Retratos do FSM*. Foi uma atividade descontraída, um bate-papo sobre o Fórum com a categoria, partindo do depoimento dos diretores Magda e Itamar, que participaram do evento em Caracas.

O relato abrangeu desde informações sobre a geografia de Caracas, passando pela composição de seu povo e os aspectos políticos que nortearam o FSM, até a conjuntura que cercou esta sexta edição. Participaram da atividade, diretores, sindicalizados, diretores de base e funcionários do sindicato.

As várias intervenções que se seguiram às exposições iniciais dos diretores ressaltaram a importância da luta contra a guerra imperialista e a defesa da paz, a solidariedade entre os trabalhadores, o combate à xenofobia e qualquer tipo de preconceito, entre outros temas.

